



---

## RETRATOS DE UMA BATALHA DE INVISÍVEIS QUANDO A LUTA DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR É LANÇADA AO ESQUECIMENTO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

PORTRAITS OF A BATTLE OF THE INVISIBLE AS A SCHOOL COMMUNITY'S STRUGGLE IS CAST INTO OBLIVION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Marcelo Barboza Duarte  
dddddd@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho<sup>1</sup> se dá diante da conjuntura política, econômica e social no Brasil, envolvendo a pandemia do COVID-19; além do aumento do sucateamento e precarização da estrutura e sistema educacional público. Para tanto, realizamos um processo de pesquisa empírico-qualitativa do cotidiano de uma equipe escolar e da comunidade que a cerca. Isto no que diz respeito ao enfrentamento dos obstáculos postos à educação pública, à pandemia, às reduções e cortes orçamentários da educação, além da própria desestruturação - em vários âmbitos e aspectos - dos profissionais da educação. Inclusive, observamos e constatamos que esta equipe de profissionais estava sujeita a inúmeros riscos, solitária, quase invisível, resistindo e lutando por sonhos com uma comunidade. Isso de um fazer professoral, pedagógico e social que se encontravam esses profissionais, alguns adoecidos e em batalha para cumprir o exercício de sua profissão. Mesmo lhes custando a saúde e a vida, estes pareciam optar mais pela vida e pelos sonhos de uma comunidade melhor do que os deles.

**Palavras-chave:** Educação; Escola; Pandemia; Covid-19; Ensino; Comunidade.

### Abstract

The present work takes place in the face of the political, economic and social conjuncture in Brazil, involving the pandemic of COVID-19, in addition to the increase in scrapping and precariousness of the public educational system and structure. To this end, we carried out an empirical-qualitative research process of the daily life of a school team and the community that surrounds it. This is in regards to facing the obstacles posed to public education, the pandemic, the budget reductions and cuts in education, and the very destructuring - in several areas and aspects - of education professionals. We even observed and verified that this team of professionals was subjected to countless risks, alone, almost invisible, resisting and fighting for dreams with a community. This is a teaching, pedagogical and social work that these professionals were, some sick and in battle to fulfill the exercise of their profession. Even though it cost them their health and their lives, they seemed to opt more for life and for the dreams of a better community than their own.

**Keywords:** Education; School; Pandemic; Covid-19; Teaching; Community.

---

<sup>1</sup> - A proposta em tela é produto de Relatos de experiência de campo, que são observações numa escola de comunidade no Município de Niterói - RJ durante a pandemia do COVID-19, de nov. a dez. de 2020.

## **Introdução**

Este relato de experiência de campo nasce referenciado na inspiração platônica sobre a alegoria da caverna<sup>2</sup>, situada dentro da famosa obra a República de Platão, especificamente no livro sete. Antes de a expor propriamente, começarei a partir de minha apresentação<sup>3</sup>, para tão logo adentrar nesse assunto da problemática em questão: Retratos de uma batalha de invisíveis quando a luta de uma comunidade escolar é lançada ao esquecimento durante a pandemia do COVID-19. Porém, esta apresentação não é para minha visibilidade, mas de muitos outros através e por meio de mim, os quais estão exatamente em situações e condições semelhantes.

Em síntese, venho de um lar com muitas dificuldades, de pai analfabeto e sem muita perspectiva de vida, o qual não valorizava o desenvolvimento dos três filhos. Isso por vários motivos que durante anos ficamos sem entender o porquê. Morávamos numa comunidade carente e mesmo com as adversidades para viver, tínhamos um teto. No entanto, aos cinco anos de idade perdemos nossa casa soterrada com tudo num dia de temporal, salvando somente nossas vidas.

Há poucas recordações daquela noite, apenas do dia no momento em que estava de pé numa casa de um vizinho mais acima da nossa, enrolado num cobertor de outro vizinho. De onde olhei minha casa e tudo que tínhamos soterrado e sob a lama, recordo-me também que tiraram uma boneca carregada de barro. Assim foi tudo o mais, perdemos realmente tudo! Nunca me esqueci dessas cenas.

Ao estiar da chuva, meu pai e alguns vizinhos começaram a construir um barraco somente de tábuas no mesmo local, sem piso, quartos, nem sala ou banheiro. Era apenas um barracão como um caixote de tábuas. Fomos postos ali dentro e, assim, meu pai foi embora - Nunca mais voltou.

Ficamos ali com nossa mãe desempregada, sem roupas, água, comida, remédios, sem dignidade e respeito. Uma mulher com três crianças: uma de quatro anos, eu de cinco e outra de oito anos de idade. Por outro lado, recebemos a solidariedade de algumas pessoas, que embora não fosse muito, aquecia e sentia bem por ter uma roupa para vestir naqueles momentos de frio, além de algo para comer nos períodos de fome.

Com o tempo, as complicações continuaram a vir, o desemprego da matriarca agravou a situação econômica da família, além dos problemas de nossa saúde - fui ficando de lado. Foi neste período que passei a vagar pelas ruas com carência alimentar, vestimenta, entre outras. Este foi um período crítico para o meu desenvolvimento físico, psicológico, social, pessoal e sem nenhuma perspectiva de participação da família ou em escola. Na qual eu havia sido introduzido aos sete anos, e contra todas as expectativas, continuava frequentando sem compromissos e êxitos. Porém, essa trajetória ocorria com imensas dificuldades que ninguém sabia.

Devido aos muitos bullyings sofridos, não interagia, nem mantinha relacionamento com os demais colegas. Vivía com o corpo naquele espaço, mas a mente longe. Com oito anos e, ainda sofrendo vários tipos de abusos, abandonei a escola e passei a vagar com colegas que já eram viciados em vários tipos de drogas e com habilidades necessárias para sobrevivência nas ruas. Inclusive com o uso de armas e a utilização de drogas como cola, éter, loló etc.

Já nessa idade, comecei a ingerir bebidas alcoólicas, além de furtar casas, lojas e pequenos comércios. Tudo isso em busca de comida, roupa e brinquedos! Esses eram os furtos, uma tentativa de suprir as mais básicas necessidades, sem falar dos abusos e violências sofridas, vivenciadas e

---

<sup>2</sup> - Para uma leitura inicial sobre a referida obra platônica sugerimos um bom livro para se iniciar: MARCONDES, D. Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein, 2006.

<sup>3</sup> - Parte do texto de apresentação foi extraído (com algumas alterações) de minha dissertação para o título de mestre em educação, gestão e difusão em biociências, apresentada e aprovada pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

experienciadas. Inclusive presenciei assassinatos desde os oito anos de idade. Momento em que cheguei a ficar caído em local deserto e sob a mira de um atirador. Sobrevivi!

Com nove anos, eu havia conseguido alguns tipos de trabalhos, na verdade “bicos,” serviços pesados para um menino com tal idade, todavia ganhava algum trocado e ajudava em casa ou comprava doces e biscoitos. Aos 10 anos, por não aprender como os outros: marginalizado, segregado e excluído no espaço escolar - abandonei a escola. E ficava a perambular pelas ruas com vários colegas.

Além de passar mal de fome, havia os problemas no barraco, abusos, bullying, o que torna difícil descrever o sofrimento, não só pela situação social e de miséria, mas também pelas dificuldades intelectuais e cognitivas que afetavam o meu aprendizado. Logo, o desejo de suicídio começou a passar pela minha cabeça por várias vezes. Será que uma criança pode pensar em suicídio com 9 ou 10 anos de idade? Precisamos refletir mais sobre isso. Observando cuidadosamente, pode-se perceber que embora não haja algum tipo de expressão, muitas crianças pensam no suicídio como única saída de situações. O que nos faz refletir em quantas crianças vivem tais situações e sentimentos neste momento pelo Brasil.

Ao chegar aos 12 anos, houve a mudança para outra comunidade, saindo assim do barraco de tábuas. Mas, logo ocorreu o despejo por falta de pagamento do aluguel, o que nos levou para uma terceira comunidade. Devido a essas mudanças, as relações com as crianças e os adolescentes foram se estendendo para três comunidades diferentes, agregando amigos que viviam situações semelhantes. Isto ampliava os riscos de acesso ao crime, devido o vagar por vários morros, nos quais as ações ilícitas se intensificavam. Alguns dos colegas desta época que ainda vivem, tornaram-se mendigos, moradores em situação de rua, outros encontram-se em presídios, um ou outro inserido na sociedade. Infelizmente, a maior parte morreu em assaltos, tiroteios ou foram brutalmente assassinados.

Com 13 para 14 anos, mudamos para uma quarta comunidade. Que se tornaria um dos morros mais perigosos de Niterói. E lá eu me encontrava: próximo ao tráfico, ao crime e aos novos amigos. Entrava e saía de escolas, além dos empregos que me tiravam parte da infância e que também atravessaram o período da adolescência. Trabalhos esses que ocorriam sempre em situações pesadas, riscos e humilhantes. Na faixa dos 14 anos, já estava cansado de tanto sofrimento e de tanta miséria. Quando possuía alguma roupa melhor ou brinquedo era doado ou roubado, aquilo realmente não era vida que ninguém pudesse querer.

Aos 15 anos, já envolvido nessa quarta comunidade, ganhei a primeira arma, um revólver que me alucinou. Que foi escondido para pensar o que se faria com ele. Logo veio todo o passado, abusos, perdas, sofrimentos e dor. Chorei muito sozinho e veio o pensamento de morte, suicídio mais uma vez. Em seguida, pensei em refazer uma lista de nomes para assassinar, isso mesmo, e desde os 13 anos já tinha alguns nomes e com 15 passei a reescrevê-los. Inclusive minha família, mãe, pai, irmãs etc. Passados alguns dias, eu chorava copiosamente sozinho, pois não queria aquilo de fato. Eram mágoas, raivas, rancores e sofrimentos que eu queria apagar para evitar sofrer, queria paz e alívio, apenas ser um pouco feliz e alegre, ter o que comer, vestir e brincar.

Felizmente, nunca abusei de ninguém, embora tendo sofrido abusos, nunca tirei a vida de ninguém, mesmo muitos me espancando e dando motivos para tal. Tudo isso gerou uma criança e um adolescente com vários tipos de temperamentos, do calmo e pacato, do antissocial ao brincalhão, do violento ao briguento.

Finalmente, passados alguns dias, a arma foi devolvida ao colega traficante, a lista de nomes rasgada e decidi: Voltarei a estudar!

Nessa época era difícil, pois já era alcoólatra e isto com início aos oito anos e agora com quase 15, não conseguia parar de beber todos os tipos de bebidas. De forma semelhante ao pai, ainda havia outros problemas familiares que precisavam de resolução. Tais como: cuidar e proteger mãe e irmãs.

Embora a comunidade com o clímax da ascensão do tráfico possuísse um poder apelativo muito forte, todavia aos 15 anos fui para a antiga FEEM-RJ estudar com vários adolescentes em situação semelhante. Local onde fiz amigos de diversas outras comunidades, inclusive rivais do tráfico da comunidade na qual residia.

O retorno aos estudos ocorreu aos 23 anos com várias tentativas, passando por três escolas públicas e supletivos. Dessa forma, conclui a educação básica. Atualmente, sinto a perda de mais de uma centena de colegas ou amigos na faixa etária de 9 a 17 anos, que morreram lutando, tentando viver e sobreviver e assim tentarem ser um pouco felizes. O que não ocorreu! Ainda há recordações de quando sentávamos no chão de uma rua e contávamos nossos sonhos, projetos e desejos. Quando não ali, era na praia, correndo pela rua, brincando e sentindo a sensação de liberdade na imensidão do mar. Esse mar que sempre buscávamos nos momentos de dores e tristezas, o que fica é a saudade de muitos deles que não existem mais.

### **Introdução do Relatório**

Antes de qualquer coisa, gostaria de informar que esse relatório de pesquisa se realizou num momento histórico mundial, nacional e local, isso devido à pandemia do Covid-19. Um fato que marca a atualidade mundial de modo caótico e mortal.

O Brasil, assim como o mundo, tenta se posicionar para controlar a onda de infecções e mortes por tal pandemia. Dessa forma, a maioria das instituições educacionais do país se encontra com trabalho e ensino remoto. Porém, em muitos casos também com atividades presenciais por parte dos educadores e funcionários de tais instituições educacionais.

Em âmbito documental e histórico, gostaria de introduzir o assunto também como um profundo desabafo. Já que o foi realizado abalado pelo sentimento de tristeza, desolação e dúvidas diante das experiências observadas e vividas.

Atualmente, o Brasil tem quase 7 milhões de infectados e quase 200 mil mortos pelo COVID-19 (no momento desse escrito), sendo isso quase a metade da população do Município de Niterói (aproximadamente 500 mil habitantes) morta dentro de uns três a quatro Maracanã(s).<sup>4</sup>

Além de perder parentes próximos, primos e amigos, permaneço como grupo de risco. Porém, como pesquisador e cientista social, há a tentativa constante de fazer algo para somar aos inúmeros profissionais que se encontram na linha de frente de uma guerra que se apresenta como invisível. Isso na luta quando uma comunidade escolar é lançada ao esquecimento durante a

---

<sup>4</sup> - O trabalho de campo foi realizado no auge da pandemia do covid-19, em que busquei retratar a realidade de professores e alunos de escolas "invisibilizadas," onde a região foi bastante afetada, em que profissionais e alunos adoeceram e muitos, infelizmente, faleceram. Foi um trabalho com a realidade das mortes no momento e contexto histórico, sendo um produto dos meses de nov. a dez. de 2020. No qual havia cálculos e estimativas de mortes que chegariam a números exorbitantes, isso inclusive em diálogos com outros pesquisadores. Porém, muito afetado e abalado pela perda de seis familiares, tentei utilizar o trabalho de pesquisa como um relato e documento histórico daquele momento e, que atualmente números "oficiais" ou notificados são quase 700 mil mortes (jun. 2022). Ainda se contabilizarmos os subnotificados e não notificados segundo outros grupos de estudos da pandemia, poderíamos ter mais de 700 mil mortes ou um milhão de mortos - fato que comungo dos mesmos cálculos. Ou seja, em meio à pandemia, e esta pesquisa nas escolas, o número de mortes chegou a 200 mil entre novembro e dezembro de 2020 e, já com vacina no exterior, enquanto aqui no Brasil não se tomavam atitudes responsáveis, sofremos e amargamos até o início da vacina, ou seja, uma soma de quase o dobro (notificados) ou o triplo (subnotificados e ou não notificados) de mortes. Basta calcular de dez 2020 até a propagação da vacina em 2021, com a efetiva vacinação da população em escalas, etapas, níveis e ordens de idade etc. Que foi quase ao fim de 2021, momento que já tínhamos mais de 400 mil mortos notificados, e se somar os subnotificados e não notificados o número é ou seria/será maior. O relato dessa experiência tem um caráter bastante histórico-sociológico ou vice-versa, ou seja, uma forma de demarcação da tragédia anunciada e irresponsavelmente conduzida.

pandemia do COVID-19. Não apenas professores e funcionários, mas também a comunidade escolar como um todo, num drama e com condições específicas, além da dor pelas inúmeras perdas na localidade.

Por questões éticas não irei revelar nomes e certos dados pessoais e institucionais. Sendo assim, o retrato será de uma localidade específica do Brasil no Estado do Rio de Janeiro no Município de Niterói, Região - Zona Norte, Bairro: Caramujo. Escola: uma dentre as três do Bairro.

O Bairro Caramujo está localizado na região norte do Município de Niterói no Estado do Rio de Janeiro. Limita-se com o Fonseca, Ititoca, Santa Bárbara, Sapê, Baldeador e Viçoso Jardim, numa área que constitui o chamado "Mar de Morros", pela continuação de vales e colinas de baixa latitude e, ocupação de encostas devido à escassez de áreas planas. O nome do Bairro é devido uma única via de acesso de entrada e saída do mesmo, Rua Dr. Nilo Peçanha (atualmente modificada) e, "pelas demais serem bastante sinuosas, constituindo-se em um lugar onde era necessário "dar muitas voltas" para se chegar ao destino ou para retornar ao ponto de origem. Inicialmente, o Bairro foi ocupado por portugueses, italianos e alemães, em sítios e fazendas onde desenvolviam atividades agrícolas e comerciais, utilizando casas de "secos e molhados" e abatedouro. Com a chegada da Companhia Proprietária Fluminense inicia-se o processo de loteamento do bairro, ocasionando as modificações mais significativas entre as décadas de 50 e 60, que corresponderam a uma sensível redução do número de sítios e fazendas (através do parcelamento), em oposição a um considerável aumento do número de domicílios unifamiliares, que passaram a ocupar também as encostas. A ocupação mais intensa aconteceu nos anos 70, em função do modelo econômico adotado no país que provocou o crescimento e a multiplicação de bairros periféricos, além da intensificação de favelização (DUARTE, Y. B, 2020, p. 31).

Inclusive vale ressaltar que,

A população do bairro é constituída em grande parte de pessoas de pouco poder aquisitivo, que foi sendo formado para a periferia devido às situações do país. Necessário entender o processo como impositivo, devido às condições de vulnerabilidades que os indivíduos foram entregues nas periferias. Por outro lado, não significa que não haja potencialidades (DUARTE, Y. B, 2020, p. 32).

Esse que vos escreve é uma das pessoas que retornou às origens após mais de vinte anos longe da região e da conjuntura desta época.

Primeiramente, fica a gratidão à atenção, à gentileza e ao carinho dos profissionais da escola pela receptividade, também às nobres professoras, secretários, porteiros, coordenadores e diretoras. Todos estes guerreiros com suas equipes numa luta travada por um ideal educacional, isso em meio às condições e limitações que o Covid-19 tem imposto. Além das restrições e circunstâncias existentes oriundas da estrutura estatal e conjuntural do país.

Nessa batalha encontra-se vários professores adoecidos, outros considerados grupos de risco e há os que até mesmo contaminados continuam atuando, embora em isolamento para recuperação. São profissionais dignos de admiração, que em meio a tantos problemas, lutas, conflitos e embates, desde os pessoais aos profissionais, buscam atuar. Durante as visitas à escola, foi percebida a angústia e também a esperança, o sofrimento e a tranquilidade, a dor e o prazer. Isso tudo ao mesmo tempo, por estarem lutando para o melhor daquele povo, daquela região e comunidade. Inclusive não apenas de uma escola, mas também aqueles profissionais pareciam abraçar a causa da comunidade escolar como um todo, até mesmo do bairro tão necessitado de socorro.

A não especificada escola, desde março de 2020, aderiu às normas contra o COVID-19 e tão logo implantou o ensino remoto. Porém, num bairro em que mais da metade dos moradores não dispõem de computador nem internet, isso constituiu também outro desafio educacional.

Além de a escola também estar atuando com serviços sociais, em doações de cestas básicas e materiais para os alunos estudarem nas residências. Necessidades essas demarcadas num bairro em que a marca do desemprego, violência, pobreza e miséria são visíveis. Como é o caso do lixão no morro do céu, que se constitui parte do caramujo e outros retiram recursos e meios para sobreviver, logo não é de se espantar que muitos prefiram a alimentação aos materiais de estudo.

A equipe de professores que vem atuando naquela escola parece estar sob a direção de uma ‘infantaria.’ Isso no meio do *front*, somada por algumas “grandes e nobres mulheres com grandes e nobres ideais”, incorporando-se alguns “nobres homens sob o comando dessas mulheres”. Uma linha de frente formada por professores e funcionários, atuando desde o processo e ação educacional até serviços internos, burocráticos e de assistência social. Enfim, uma luta de invisíveis contra inúmeros inimigos visíveis e invisíveis - nobres e solitários profissionais.

Ademais, cumprindo todas as medidas de proteção em meio à pandemia mortal, ainda enfrentam vários momentos de tiroteios intensos na localidade-região-Bairro. Desse modo, não há como negar que os profissionais estão não apenas a serviço e trabalhando mais, mas também com riscos de vida e de morte por vários modos.

Por tudo isso, fica a homenagem, respeito e carinho a todos esses profissionais da educação e a tantos outros nas várias escolas espalhadas pelo país. Principalmente aos que adoeceram e aos que continuam adoecidos e aos que se foram e poderão ser esquecidos por muitos. Contudo, o valor de seus atos, bravura, nobreza e utopia com a educação foram levados a sério, respeitados e valorizados. E aqui os tornamos notórios!

A sensação e sentimento que ficam são de pura angústia, tristeza e abandono, devido ao descaso para com estes profissionais, sua bravura, nobreza e batalhas reservadas. Nesse momento, essas linhas são uma forma de fazê-los ficar na história de algumas vidas, mentes e corações.

Essas observações, pesquisa ou relatos de experiência se realizaram com os seguintes passos, procedimentos e formas: Num primeiro momento buscou-se pelo método da e pela observação e análise da região. Logo, o conhecimento e reconhecimento da instituição e participação em aulas; numa segunda ocasião foi para dar assistência aos professores no ensino fundamental, bem como nas aulas no ensino médio; e num terceiro momento, de preparo e realização das avaliações, para refletir sobre os conteúdos das observações colhidas e todo esse processo.

Boa parte do trabalho realizado foi por acesso remoto e outros de forma presencial na escola, isso por conta dos fatos apresentados e explicados anteriormente, além da região ser considerada de violência e alto risco. Deste modo, nossa metodologia abarca um pouco do caráter de pesquisa de campo, qualitativa, descritiva e explicativa (LAKATOS; MARCONI, 1987).

Sendo assim, por motivos e questões diversas não houve intento para descrever e a observar a estrutura da escola em detalhes, bem como de sua região, mas apenas aos quesitos que competiam para os objetivos da percepção de escola, conteúdos e formação. Isso a fim de desenvolver o trabalho de pesquisa em tela. Por essa razão, não nos detemos a escrutinar e expor números de salas, turnos, banheiros, se há refeitório, cozinha ou não e, dentre outros quesitos que não entrarão nessa pesquisa, verificação e análise, bem como a rotina dos professores (GIL, 2001). Uma vez que, a região em si já é um fator problemático para os funcionários, inclusive para suas atuações de modo mais ativo na comunidade.

Contudo, apenas para visão geral, a referida escola possui dois andares, várias salas, laboratório de informática, biblioteca, refeitório, secretaria, pátio, quadra, dentre outros. Sua localização é centrada no núcleo do bairro Caramujo, Niterói, Rio de Janeiro. Local este considerado área de risco em diversos aspectos, também com significativa história de violências e conflitos

armados. É nesse espaço que está toda uma equipe de profissionais da educação lutando pela mesma e também contra o COVID-19.

Logo, as rotinas escolares e a atuação dos funcionários podem ser alteradas por fatores e situações dos diversos confrontos que atravessam e marcam a região onde a escola está situada. Por isso, nos detivemos mais aos fatos e fatores sociais, relacionais, psicológicos, educacionais, antropológicos e sociológicos do que aos estruturais, materiais e de engenharia ou arquitetura. E como já mencionado, esses conflitos deixam a escola numa situação crítica para atuação, assim como os educadores e demais funcionários.

Portanto, a observação e análise são nossos principais instrumentos e métodos para a pesquisa no trabalho em tela (FERRARI, 1974). Com isso, procurou-se levar em consideração essa atuação num espaço público e marcado por conflitos de diversas origens.

### **Observação e análise da Gestão do ensino-aprendizagem e Gestão escolar**

Podemos dizer que em nossa observação e análise, tanto a gestão escolar quanto a gestão do ensino procuram fazer o esforço de atuar de modo democrático, participativo, respeitando as diferenças e limites em todos os aspectos, sentidos e âmbitos. Isso pelo fato da direção, coordenação e sua estrutura de atuação buscar a descentralização de poder, rompendo com o autoritarismo e delegando responsabilidades e competências aos alunos e funcionários (LIBÂNEO, 2009). Em um período de profunda crise no Brasil, devido à pandemia mundial, foi visto naquela instituição um grupo de profissionais da educação arriscando suas vidas de diversos modos, para que sonhos talvez um dia se tornem realidade.

### **Docência – Análises, diálogos, observação da localidade, estrutura e avaliação**

Remotamente, o processo de ensino aprendido em si mesmo já é bem problemático, polêmico, difícil e carente de atuação e investimentos públicos, ainda mais onde a maioria da população não possui computador e internet. Ou seja, se o ensino remoto já é um problema, acredito que há muito o que se dizer quando um local-comunidade de uma população de mais de 20 mil habitantes, e que em boa parte se encontra em situação de desemprego, subemprego e sob condições de vida precária. Sendo a maioria uma população de baixo poder aquisitivo. Logo, como estudar remotamente? Em que condições? Com que qualidade de sinal de internet e conteúdos escolares?

Somando-se a isso, os problemas enfrentados pela rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro; bem como os problemas locais, regionais, estruturais, de pessoal, de formação e conteúdos. Nesta linha de raciocínio, nossa percepção e análise para com a docência escolar da escola em questão, se tornam atentas e, ao mesmo tempo dramáticas. Já que, o Estado do Rio enfrenta problemas financeiros, de segurança, entre outros; a instituição também possui profissionais com rendimentos salariais atrasados e suas conseqüentes dificuldades financeiras. Contudo, continuam numa luta de resistência frente aos obstáculos que lhes são postos.

Além dessas demandas sobre a questão financeira e a de pessoal, uma vez que a região é considerada como área de risco, ela também sofre rejeição como local de trabalho por outros profissionais. Por conta disso, há um grupo de profissionais que se desdobram em várias funções, papéis e trabalhos dentro de suas profissões: docentes e professores. Se por um lado isso não é inaceitável por causa do descaso e desrespeito com o profissional da educação, por outro aceitável e positivo pelo fato do alvo ser a população que vive nesses espaços e, conseqüentemente um benefício para o local, bem como para o país.

Assim sendo, além de o profissional da educação enfrentar aumento de jornadas de trabalho, aumento de alunos em sala de aula, condições precárias e desfavoráveis ao processo de ensino-aprendizagem, ainda com diversos problemas de ordem salarial, esses guerreiros atuam em espaços

de riscos e violentos. Isto sem contar o sucateamento da própria estrutura e do sistema de educação pública, esses profissionais também continuam a enfrentar a pandemia do Covid-19 no Brasil.

Há ainda muitos fatores que envolvem a região da escola e influenciam em seu funcionamento, sobretudo na própria formação dos educandos. Já que a necessidade de professores é evidente e constante. O que se observa nitidamente pelo quadro atual a respeito das necessidades de mais profissionais.

Porém, vale ressaltar que os professores e funcionários presentes e atuantes procuram e buscam manter bom relacionamento com a comunidade escolar, ou seja, cordialidade, respeito, empatia, e interação de modo efetivo, objetivo e com linguagens de uso regional e específicas à manutenção da boa comunicação. Essa num jogo de linguagem e códigos para e de sobrevivência tanto da escola quanto dos sujeitos e ou atores envolvidos (WITTGENSTEIN, 2014; FREIRE, 2007). Nesse processo a ideia freiriana é que:

43

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram 'fora de'. Sempre estiveram 'dentro de'. Dentro da estrutura que os transforma em 'seres para outro'. Sua solução, pois não está em 'integrar-se', em 'incorporar-se' a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se 'seres para si' (FREIRE, 1997, p. 35).

Desse modo, em diálogos e acesso às salas remotas, as relações entre professores e alunos procuram ocorrer do mesmo modo: objetivo, simplificado e compreensível pelos educandos e educadores. Já que o conteúdo precisa ser alinhado ao nível da estrutura intelectual, cognitiva e estrutural da região, pois desse modo tanto o conteúdo quanto as atividades e avaliações podem se encaixar numa forma de se dar e efetivar (incluir). Isso com o intuito de aproveitamento e desenvolvimento dos alunos e professores. Visto que não são apenas os alunos que são avaliados, mas também os professores e a escola (LUCKESI, 2002) e isso pelos diversos sistemas de avaliação que existem no Brasil, como é o caso do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), entre outros.

Destaca-se que a escola em questão necessita de professores que tenham habilidades no que diz respeito à didática, à metodologia e à empatia para lidar e promover o processo de aprendizagem, bem como obter êxito nas atividades e avaliações (FREIRE, 1997; LUCKESI, 2002).

### **Ensino Fundamental e Médio: Observações e diálogos**

Durante o isolamento social, todas as turmas, turnos e séries ficaram sob ensino remoto. Porém, para os educandos não há como não constatar suas reais condições de precariedades. Isso não por causa da escola, mas pelas condições reais de subsistência dos alunos e da população em geral. Além das marcas do desemprego, subemprego e da pandemia serem evidentes.

Inclusive com a carência de funcionários e professores. Mas, como mencionado anteriormente, tanto a escola quanto os funcionários e professores são resistentes, sonhadores e esperançosos sobre a educação promover melhorias para a população de tal região e adjacências. Como bem enfatizou Duarte, Y. B. (2020, p. 38),

A ideia no termo ensinar gira em torno de relacionamentos, o que põe o profissional em responsabilidade considerável nesse processo, a fim de que o ensino não seja implementado num discurso frio, como na letra da lei e por obrigação. O que precisa ser construído num processo dialógico, ético e de envolvimento, que por sua vez é democrático.

Não nos admira Freire (1992) nos dizer que:



Você, eu, como um outro sem número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1992, p. 126).

E com isso, observamos que tais profissionais vêm atuando para suprirem as necessidades da comunidade escolar, bem como acreditando no poder da educação. O que deve coadunar com o que Freire (2006) expressa:

44

É preciso que a educação e a escola estejam em seus conteúdos, em seus programas e em seus métodos, adaptadas ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (...), uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue (FREIRE, 2006, p. 45).

### Docência – regência

A docência e a regência foram percebidas como grandes desafios por parte dos professores atuantes. O que também se estendeu ao pesquisador devido ao sentimento de incapacidade em certos momentos, dificuldades e problemas que atravessam e marcam a escola e sua região. Sobretudo pelas reais condições sociais impostas tanto pelo desemprego, pobreza, falta de condições materiais e estruturais dos estudantes, quanto pela própria realidade pandêmica.

Com isso, como já mencionado, há necessidade de se ter profissionais com empatia, didática diversificada e métodos amplos para atender às necessidades da escola, e da população local. Além das limitações escolares de vários alunos, pois o conteúdo precisa estar numa dimensão e nível de compreensão dos educandos (de acordo com suas realidades), e não os educandos tentarem ir ao nível do conteúdo.

Pela experiência de professor por mais de 10 anos, com dificuldades percebidas e vividas, o que se nota nesse obstáculo é a carência de profissionais além de competentes, mas também mais humanos. Já que o conteúdo será a abertura do processo para a aprendizagem e ou aprendizado e, somente com competência, didática, empatia e métodos tornar-se-ão possíveis transmiti-los a outrem.

Porém, em plena pandemia do Covid-19, os esforços são muitos, o desgaste notório, além da sensação de não cumprimento do exercício nos deixam dúvidas angustiantes, bem como em toda a comunidade escolar.

### Considerações finais

Nosso relatório foi realizado sob a observação, análise e verificação de dados e fatos que foram considerados como relevantes e importantes durante esse processo histórico pandêmico, do acesso remoto e suas limitações, bem como as implicações e polêmicas.

Logo, diante da experiência posta e o desejo de intervir na própria realidade social-educacional do Estado do Rio de Janeiro, fundamentalmente a rede pública e da educação básica, foi decidido atuar num local tido como perigoso, área de risco e que alguns professores e funcionários não dispõem de interesse para desempenhar suas atividades.

Com isso, pode-se observar que a educação e seu conteúdo jamais podem ser algo engessado, fixos, dogmáticos e formatado num padrão e configuração. Mas, como um processo variável, contínuo, multiforme, diversificado, amplo e extenso para se alcançar àqueles que estão em processo

de aprendizagem, aprendizado e formação. Uma vez que a educação deve ser promotora de autonomia, liberdade, independência, libertária e promover a integralidade e dignidade do educando e pessoa (FREIRE, 2007).

Para que assim, o educando pela educação cada vez mais se humanize enquanto ser de *isonomia, isocracia e isegoria*<sup>5</sup> (CHAUÍ, 2006). Com isso, o que se pode descobrir é gente educando gente, pessoas lutando e resistindo para formar pessoas para que tenham uma vida melhor, mais digna e mais justa diante de tamanha injustiça e desigualdade que marca o país. Injustiças e desigualdades que marcam pessoas!

Portanto, o que se pode aprender e compreender é que a educação é um processo que não se finda apenas na empatia, mas sim que carece dela, além de respeito e tolerância. Essas percepções ocorreram no espaço pesquisado, fisicamente e remotamente.

Diante disso, fica os agradecimentos à comunidade escolar e sua equipe pela abertura e permissão para estar em seus espaços, atuar e aprender no cenário o qual lhes é cotidiano, rotineiro e de lutas por um país melhor. No qual ficou notório que o ensino remoto como um tipo de projeto educacional-efetivo-público é um retrocesso, já que é superficial e não assegura qualidade e aprofundamento de ensino-educação. E que, sobretudo, os maiores prejudicados com tal modo e possível projeto educacional será a população mais pobre e as massas trabalhadoras.

Tal fato devido a grande massa não possuir as condições necessárias para um tipo de ensino que deveria ser complementar ao presencial, e não um futuro projeto capitalista durante a pandemia do COVID-19. Uma vez que, a necessidade da realidade dos conteúdos e qualidade da educação no sistema EAD e remoto é limitado e limitador do processo de ensino-aprendizagem, e assim, deveria ser apenas complementar da formação e educação, e não ser ou se tornar um projeto substituto da educação presencial em si.

Enfim, durante a pandemia houve a necessidade de outros tipos e modelos de ensino, porém como permanentemente remoto isso não pode ocorrer, nem mesmo se tornar um projeto futuro da educação pública brasileira. Assim concluímos que:

Por todos esses fatos entendemos na concepção de Freire (2010), em sua obra *A Pedagogia do Oprimido*, que a escola deveria ser um local que fosse favorável a uma aprendizagem significativa, que despertasse a criatividade, curiosidade e afetividade entre os envolvidos no processo de educação, inclusive que a mesma fosse carregada de diálogo e respeito entre educando e educador. Piaget nos diz que o indivíduo aprende e se desenvolve por meio de um ciclo onde sai de um período de equilíbrio, induzido pela inserção de algum fator que não pode ser assimilado em sua rede cognitiva e entra em desequilíbrio, necessitando de uma série de eventos para obter o retorno ao equilíbrio, de acordo com um amadurecimento interno e com a obtenção de novos conhecimentos e com influência do meio que fornece informações constantes em variados formatos e Wallon defende ser o aprendizado intrínseco à afetividade (DUARTE & MAIA, 2018, p. 243).

Em suma, por essa lógica não há como não comungar com Freire e seu poema<sup>6</sup> quando diz que:

---

<sup>5</sup> - Os termos *isonomia, osocracia e isegoria* são de origem da Grécia antiga. Entretanto, até os dias atuais inspiram o pensamento político, jurídico e social das sociedades modernas. Sendo a *isonomia* cujo conceito significava a implicação de igualdade entre os cidadãos diante das leis; já a *isegoria* significava o direito dos considerados cidadãos de expressarem suas ideias, opiniões e posições em público, sendo respeitadas e passíveis de vê-las também se concretizar no cenário social. Já a *isocracia* era a capacidade de todo cidadão possuir poder político na *polís* Grega (ABBAGNANO, 2012).

<sup>6</sup> - Poema A Escola. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15356> .

## A ESCOLA

"Escola é...  
o lugar onde se faz amigos  
não se trata só de prédios, salas, quadros,  
programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobretudo, gente,  
gente que trabalha, que estuda,  
que se alegra, se conhece, se estima.  
O diretor é gente,  
O coordenador é gente, o professor é gente,  
o aluno é gente,  
cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor  
na medida em que cada um  
se comporte como colega, amigo, irmão.  
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.  
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
que não tem amizade a ninguém  
nada de ser como o tijolo que forma a parede,  
indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
é também criar laços de amizade,  
é criar ambiente de camaradagem,  
é conviver, é se 'amarrar nela'!  
Ora, é lógico...  
numa escola assim vai ser fácil  
estudar, trabalhar, crescer,  
fazer amigos, educar-se,  
ser feliz."

## Referências:

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Editora: Ática, 2006.
- DUARTE, M. B.; MAIA, C. O. O Impacto da Violência na Percepção de Estudantes da Educação Básica - Niterói-Rj. *Revista: SABERES*, Natal RN, v. 18, n. 3, dezembro, 2018, 220-248.
- DUARTE, Y. B. *Pedagogia Social: Eis a Questão*. Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Pedagogia Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) - Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Pedagogia Social para o Século XXI, 2020.
- FERRARI, A. T. *Metodologia da ciência*. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.
- FREIRE, P. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

- GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Editora: Atlas, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1987.
- LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008.
- LIBÂNEO, J. C. A escola como organização de trabalho e lugar de aprendizagem. In: *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora: M. F, 2009.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo. Cortez, 2002.
- MARCONDES, D. *Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MEC, *Ministério da Educação. Poema a Escola. Portal do Professor*. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15356> . Acesso Jan. 2021.
- SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- WITTGENSTEIN, L. J. J. *Investigações Filosóficas*. Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Tratado Lógico Filosófico*. São Paulo. Editora: Edusp, 2018.

Recebido para publicação em setembro de 2022.

Aprovado para publicação em outubro de 2022.